



"Fui pioneiro da bioquímica"

Geraldo de Mello Ayres conta sobre experiências profissionais na USP e na FOP na segunda parte da entrevista ao jornalista João Nassif

Como o senhor conheceu a sua esposa?

Conheci Jurema Rstom de Mello Ayres, filha de Isaac Jorge Rstom, proprietário da Loja Tigre, ao lado do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, seus pais vieram adultos do Líbano. Aconheci quadrando o jardim. Eu estava com mais dois amigos. Após algumas voltas e alguns fleters eu disse ao meu amigo: "Adolfo, com qual eu vou sair?". Ele me disse: "Arrisca a menorzinha, é tão delicadinho!". Aproximei-me e comecei o namoro. Isso foi em 18 de dezembro de 1946.

Como foi a abordagem que o senhor fez?

Foi na cara de pau. Disse-lhe: "Vamos dar uma saíndinha?". Ela ficou enrubescida, e saímos andar na rua Governador Pedro de Toledo. Esse era o passeio.

Qual era a idade de ambos?

Eu tinha 18 anos e ela 13 anos e seis meses. Namoramos quatro anos e meio. Quando ela fez 18 e eu 22 nos casamos na Catedral de Santo Antonio. O padre era amigo meu, veio de Capivari, ele tinha sido aluno da minha mãe em Pirassununga, quando criança. Era o Conego Alcécio Adani. O casamento civil foi realizado na casa do meu sogro, o juiz de paz foi até lá, estavam presentes seu pai, sua madrasa Lucia Ferro. Minha esposa foi morar na casa da minha irmã, pela regulamentação da igreja católica, jamais o noivo poderia conviver com a noiva antes de casar. Na quinta feira a tarde casamos no religioso.

Na época, não era muito comum, mas chegaram a viajar em lua de mel?

Viajamos, fomos para Campinas. Fomos de taxi, eram poucos aqueles que tinham carro. Passamos uma semana e voltamos a Piracicaba. Fomos morar na casa dos meus pais, era uma casa muito grande, tinha quatro dormitórios. Três das minhas irmãs se casaram e a quarta foi para o convento. Naquele casarão ficamos meu pai, minha mãe e eu. Por um ano e meio, até me formar, moramos juntos com meus pais. Em 1952 eu me formei.

Quantos filhos o senhor têm?

Quando eu ainda era estudante nasceu a minha primeira filha. Tivemos Maria Estela, Maria de Fátima, Elias e Lillian Regina.

Como o senhor voltou à Piracicaba?

A Dona Aurora, esposa do Jaime, encontrou-se com a minha mãe no ponto de bonde, atrás da Catedral, disse-lhe: "Dona Amélia, o seu filho Geraldo está bem em Campinas?". Tem uma vaga aqui com o Jaime. Tenho certeza de que o Jaime vai querer ele no departamento. Vim para ser assistente do Jaime Rocha de Almeida. Vim morar ao lado da casa do meu pai. Nese meio tempo eu ganhei uma bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para ficar um ano no departamento de bioquímica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da USP.

Como agrônomo o que o senhor foi fazer em uma escola de medicina?

Fui indicado para a bioquímica, bio é vida, química estuda a matéria e suas transformações. Bioquímica estuda a matéria e suas transformações que acontecem nos seres vivos. Estuda todos os componentes dos seres vivos. Seja uma bactéria, um vírus, uma levedura, um fungo, vegetal, animal, água, peixes.

Mas esse tipo de estudo não está mais relacionado a medicina do que a agronomia?

A bioquímica é uma ciência relativamente nova, não tem ainda 150 anos. Mas se desenvolveu tanto que uma pesquisa de um professor eminente de Curitiba, Metry Bacila, de quem fui aluno, ele fez um levantamento na década de 60, de todos os trabalhos científicos publicados no mundo, 70% é de bioquímica. A bioquímica estuda, faz o que pode para conhecer a chamada matéria viva. Fisiologia é bioquímica. Todo fenômeno biológico é bioquímica em sua essência. Ao dobrar um dedo da mão, realizo uma contração muscular, isso é fruto de um processo bioquímico. Digestão é um processo bioquímico. Reconstrução das nossas proteínas, nossos componentes todos é bioquímica. O estudo dos micro-organismos, a microbiologia é bioquímica. Não é tão importante a descrição do microorganismo, se era uma bactéria que tinha um revestimento tipo geleia, se tinha flagelo, se tinha um cílio. Muito mais importan-

te é saber o que esse micro-organismo faz. O que ele produz. Se é patógeno, se produz moléstias em nós, se é de interesse para a indústria. Os fármacos não criam funções, remédio nenhum faz milagre, por isso se chama remédio. Remédio remedeia, não cura. Se curasse 100% bastava dar uma injeção em um cadáver e ele ressuscitaria. A ação do remédio que é farmacodinâmica é bioquímica. A interação entre receptores nossos e medicamentos é bioquímica. A genética clássica, de Mendel é válida, claro. Mas hoje genética é bioquímica. Sabe-se que toda proteína que os seres vivos sintetizam são realizadas através da codificação genética, essa codificação é que determina quais aminoácidos irão se ligar. Assim como com 25 letras você escreve uma biblioteca, com 20 e poucos aminoácidos a natureza

A conheci quadrando o jardim

constrói todas as proteínas do nosso universo. Cada vez que um organismo aceita uma proteína estranha ele aceita com um antígeno. Sintetiza outra proteína que é o anticorpo. Por defesa. Se eu sofro a agressão de um vírus da gripe, que é uma nucleoproteína aquilo é estranho ao meu organismo. Imediatamente meu organismo sintetiza anticorpos. As proteínas são essencialmente críticas para cada organismo. Toda ciência biológica dinâmica é bioquímica.

O senhor mudou-se com a sua família para Ribeirão Preto?

Fui com a minha esposa e a minha filha mais velha. Perdemos outra filha ainda muito nova. Lá foi gerado e gestado meu filho, que nasceu em Piracicaba. Ribeirão Preto foi uma fase muito agradável para mim. Representou um marco científico na minha vida. Esse meu filho, Elias de Mello Ayres Neto, é músico, foi solo da orquestra do Maestro Ernest Mahle, com 17 anos e meio, presto exame em cinco faculdades de medicina, entrou nas cinco. Sem fazer cursinho. Escolheu a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP. Cursando medicina ainda dava aulas de flauta.

Tocou na orquestra de Ribeirão Preto. Formou-se, fez três anos de residência em cardiologia em Ribeirão Preto. Passados três anos ele foi indicado para ficar dois anos com o Jatene e equipe.

O senhor voltou para Piracicaba após o período em que permaneceu em Ribeirão Preto?

Voltei e fiquei no Instituto Zimotécnico, na Esalq, zimotécnico estuda a técnica da fermentação, que foi um sonho concretizado em parte, do Jaime Rocha de Almeida.

O objetivo era melhorar a fermentação da cana?

Até de outros tipos. Não deu tempo, ele faleceu com pouco mais de cinquenta anos. Jaime era uma figura marcante, flautista da Orquestra Piracicabana, regida pelo maestro Dutra, foi ele quem ensinou flauta à Celso Woltzenlogel que era filho de Luiz (Lulu) Barbeiro que tinha salão de barbearia do lado da catedral. O Celso Woltzenlogel hoje está em Londres, e é um dos maiores flautistas brasileiros.

O senhor continuou trabalhando no Instituto Zimotécnico?

Lá eu trabalhava em tempo parcial. Nesse meio tempo foi criada por força inclusive do Rotary Clube de Piracicaba e outras forças vivas da cidade a Faculdade de Odontologia de Piracicaba, como Instituto Isolado do Ensino Superior do Estado de São Paulo. No segundo ano do seu funcionamento, o catedrático contratado de fisiologia era Ben-Hur Carvalhaes de Paiva, tinha consultório junto com Plínio Alves de Moraes que era proprietário de Laboratório de Análises Clínicas. Não sei como Plínio lembrou-se de mim, convidou-me para durante um ano trabalhar com ele, no sentido de aperfeiçoar a metodologia. Fui, fiquei uma semana no Hospital das Clínicas, só na parte laboratorial, fiquei mais uma semana no Laboratório Fleury, vim com toda metodologia nova e instalei no Laboratório do Plínio. Ben-Hur viu o meu trabalho. Passado um ano, quando na odontologia ele precisou de um bioquímico, e não tinha na cidade e região dentista credenciado para instalar e ministrar bioquímica, para dar uma disciplina ela tem que constar

A bioquímica é uma ciência relativamente nova, não tem ainda 150 anos



"O estudo dos micro-organismos, a microbiologia é bioquímica"

do seu currículo. A maioria das faculdades de odontologia não tinha a disciplina de bioquímica. Fui convidado para instalar a bioquímica. Acumulei, ficava um período na Esalq e outro na FOP, instalando a disciplina, sob todos os aspectos, desde programação até laboratório, compra de material. Fui pioneiro como outros foram pioneiros nas outras disciplinas. Passado um ano o Jaime conseguiu tempo integral para os pesquisadores do Instituto Zimotécnico. Tive que deixar a FOP. Nesse meio tempo fui fazer cursos em Curitiba por quatro vezes, com bolsa, na Universidade Federal do Paraná com Metry Bacila e colaboradores. Foi quando o primeiro diretor da FOP, Carlos Henrique Robertson Liberali, que era carioca, com sotaque característico (Geraldo Claret o interpreta com perfeição), disse-me: "Mello Ayres! Você vai ser professor de bioquímica!". Disse-lhe que bioquímica eu tinha consciência de que sabia um pouco, agora fisiologia eu apenas estudei. Com seu sotaque carioca, professor Liberali disse-me: "É mais fácil um bioquímico estudar fisiologia do que um fisiologista estudar bioquímica!". Assim passei mais um ano acumulando, após um ano fui graças a Deus muito bem aceito pelos cirurgiões-dentistas, por todos os professores, funcionários, alunos da FOP, dali um ano eu tive coragem, pedi demissão da USP e passei para a Faculdade de Odontologia, como Professor Catedrático Contratado. Responsável pela fisiologia e bioquímica. Naquele tempo havia a Escolinha Walita que ensinava receitas de bolos para as madames para vender material. Apelidaram a FOP de Escolinha Walita. Acharam que era uma escolinha incipiente. Chegaram a me parar na

rua dizendo: "Geraldo! Você vai sair da USP para ser professor na Escolinha Walita?". Disse: "Vou! Sabe por que? Porque nós vamos crescer juntos!". A minha profecia, que era compartilhada por outros, se concretizou. Fiquei na Odontologia, fui muito bem aceito, fiz toda a carreira universitária, me aposentei na posição mais alta: professor titular. Fui pioneiro da bioquímica, como Ben-Hur foi pioneiro da fisiologia, Nobilo na prótese, Merzel na anatomia.

As dificuldades foram grandes?

Muitas. Uma delas foi quando o governador Ademar de Barros deu um aumento substancial para a USP e não deu para os institutos isolados de Piracicaba, Aracatuba, Bauri, Ribeirão Preto, Araraquara, São José dos Campos, Rio Claro. Era um absurdo o Estado manter dois níveis salariais para o ensino superior. Foi criada a Comissão dos Institutos Isolados do Ensino Superior do Estado de São Paulo e Merzel era o presidente e eu era o secretário. Sempre fui idealista. Me empolguei nessa luta e viajei por muitas cidades onde havia Institutos Isolados, arrebanhando a turma para fazer greve. Assembleias memoráveis que varavam as madrugadas. A luta foi vencida, saiu a equiparação. O professor Raphael Lia Rolfsen que me conheceu nessa movimentação toda em Araraquara, passando pelo gabinete Enio Rocha, funcionário de confiança de Ademar de Barros, funcionava como "reitorzinho" dessas faculdades, tinha sobre a sua mesa o meu nome e o de Merzel para sermos dispensados. Raphael imediatamente tomou partido a nosso favor, afirmando que eramos dois professores dignos, competentes e honestos. Fiquei sabendo disso mais tarde. (Continua)